

Lihn ponderou que o grupo chamava demais a atenção para ter algo tão importante entre os itens que transportava e dali para frente teria de contar com escolta local se tivesse sorte, então decidiu bater o terreno à sua frente. Separou-se da caravana ao avançar com sua égua o mais rápido que pôde, apertou seus olhos finos e sussurrou algo no ouvido do animal que o fez sair em disparada, julgando que assim não teria mais que meio dia de viagem dali para a frente.

O vento descobriu sua cabeça, revelando sua pele alva e cabelos negros por debaixo do capuz lilás. A estrada era regular e estava vazia, mesmo assim o avanço era do seu agrado. Não raro encontrava buracos e pedras que não poderiam estar ali por outra razão senão por ter sido colocados pelos windrangers, os autoproclamados donos das florestas do Oeste - nisso, tinha certeza de que os treants discordavam.

Não demorou até sentir alguma movimentação na mata, não era possível saber quem e quantos eram, considerando as árvores convenientemente cultivadas tão próximas quanto possível da estrada, o que deixava seus percustradores em evidente vantagem. Aos invés de atender aos apelos para parar, se identificar e pagar o pedágio da estrada, a jovem se limitou a sorrir e correr ainda mais rápido em meio ao silvo das flechas que não tardaram a brotar dos arbustos. Sabia que seria uma desonra para o rastreador que a perdesse de vista por isso adorava testá-los, só para provocar - se eles querem manter a honra tem de provar que a merecem em cada oportunidade. Apesar do aparente perigo envolvido, confiava no julgamento dos rastreadores da área e seu forte código de conduta em não ferir quem não lhes oferecesse perigo. E por estar naquela região e seguindo em tal direção, era óbvio que ela se dirigia ao Bosque Noiteprata, sendo portanto uma aliada.

— Vem rastreador, vem pegar a sua caça! - gritou antes que um feixe verde passasse próximo à sua orelha.

— O próximo tiro será mais preciso, você tem que parar - disse uma voz feminina que a acompanhava pela lateral.

— A sua velocidade me impressiona, considerando que corre em terreno acidentado e sem montaria.

— Pois a mim você não impressiona, exceto pela ousadia.

A amazona torceu seu dorso para trás enquanto erguia sua mão na direção do rosto da caçadora que vinha em seu encalço. Um clarão surgiu deixando a garota completamente cega, e isso a forçou a abandonar a perseguição por um breve momento. A perseguidora levou as mãos ao rosto e se ajoelhou. Lihn desacelerou o cavalo alguns metros à frente e retornou, parando diante da windranger e disse:

— Desculpe, eu não quis machucá-la. Eu só estava sendo impertinente.

Alguns segundos se passaram antes que a rastreadora pudesse responder:

— Por que você simplesmente parou?

— Como? Você quer que eu fuja?

— Não é assim que são as caças?

— Mas eu já disse que não pretend... - antes que pudesse responder, a outra ergueu seu arco e em um movimento extremamente rápido fazendo surgir uma corda brilhante que rasgou o vento envolvendo Lihn e uma árvore. O susto fez a égua correr em disparada, derrubando-a no chão.

— Ei! seu cavalo! - a rastreadora correu o quanto pôde e rapidamente alcançou o animal, mas antes que pudesse tocar as suas rédeas ele começou a se desvanecer no ar,

diante do fenômeno inesperado a windranger retornou completamente atônita até a prisioneira que estava com uma expressão igualmente surpresa.

— Ha... Haru... é você?

— Você me conhece? Quem é você?

— Sou a Lihn.

O nome não lhe fez lembrar-se de imediato, até que seu rosto se acendeu com um rompante de alegria nostálgica.

— Você voltou! - declarou soltando a amiga das cordas.

— Não faz tanto tempo assim para você mal lembrar, cabeça de vento. E esse seu último ataque foi desnecessário, eu já estava parada.

Haru virou o rosto na direção em que a montaria vanesceu:

— O seu cavalo... desapareceu. Ele morreu?

— Não é uma égua comum, posso invocá-la novamente.

Agora de pé, Lihn deu uma boa olhada na garota um tanto quanto mais alta que si, mas com cabelos igualmente negros e lisos. O seu rosto comprido e semblante eternamente pensativo deu a certeza de que apesar do amadurecimento, a essência da aliada se mantinha a mesma.

— O Universo foi bom contigo, esticou e está ainda mais bonita.

— A natureza foi boa contigo também. Acho que agora podemos nos cumprimentar apropriadamente.

Lihn deu um passo para frente e abriu os braços, pronta para envolver a amiga. Haru por sua vez puxou uma adaga de cabo vermelho.

— Ah... eu me esqueci disso - disse Lihn, puxando os cabelos para trás enquanto deixava o pescoço desnudo.

Para os windrangers, permitir que uma arma branca toque o pescoço é um sinal de confiança e cortesia. E assim fez Haru, passando o aço frio pelo colo de Lihn enquanto a via encolher-se devido ao frio da lâmina, tomando todo o cuidado para o fio não ter contato com a pele. Terminado o pequeno ritual, guardou a arma.

— Bem, acho que agora é a minha vez - disse Lihn, que enquanto via Haru levantar os cabelos preferiu envolvê-la em uma abraço — Vamos manter as coisas civilizadas por aqui - brincou. Depois mexeu em sua bolsa e pegou duas moedas.

— Essa primeira moeda é para pagar o imposto da estrada, que sei que tenho de pagar por mim e pela minha caravana que vem logo atrás com alguns ajudantes e meus pertences. E essa segunda moeda é para escoltá-los até o Forte da Lua.

Haru pegou as duas moedas de bom grado e as depositou em uma pequena bolsa costurada por debaixo da manga de sua blusa verde. Depois acenou para a mata indicando a seus pares que devem se encarregar da tarefa de escoltar a caravana. Como é costume do povo do vento, ela usava uma armadura leve em sua maior parte constituída de couro dobrado, uma calça apertada que evita o inconveniente de se prender em galhos, além de uma capa. Seus pés calçavam sapatilhas bastante novas feitas de pele de aranha e igualmente verdes. Lih sempre considerou esse povo bastante monótono em termos de moda, já que todos sempre pareciam compartilhar a mesma visão sobre vestimentas adequadas. Não havia bailes, núpcias, batismos que os demovesse de estar prontos para uma eterna caçada.

— Acompanharei você, meu povo irá acompanhar seus amigos. Assim chegaremos mais rápido e também garantimos que seus pertences cheguem em segurança. mas fique tranquila, não é uma área perigosa.

— Será um prazer ter a sua companhia - Disse Lihn enquanto acenava aparentemente para o nada dizendo: — Moraaangoo... - fazendo surgir diante delas um cavalo da raça Vanner Cigano, cujo as principais características eram a desordenada coloração preto e branca e sua fabulosa pelugem prateada que lhe empresta um ar de nobreza e esconde as suas patas. Mas Haru só conseguia julgá-lo como definitivamente não ser um animal de corrida.

— Uau! Você agora tem cavalos mágicos. Esse é diferente do outro.

— Um magi ganha cavalos a medida que atinge graus de sabedoria. Eu tenho sete.

— E quantos tem o Keeper of the Light?

— Mais de duzentos - respondeu Lihn, em seguida dando de ombros — Um dia eu chego lá.

— Esse tem um nome fofo... Morango. Qual é o nome do outro?

— Aquele na verdade é uma égua chamada Confete, além desses dois também tem o pão de mel, bombom, camafeu, balinha e o meu mais novo chamado Coronel.

— Coronel? - e riu — Esse nome não é como os outros. Por que o dele é diferente?

— Por nada, apenas acabaram os doces - disse isso montando no animal e saindo a trote — Você não vem?

Haru recobrou-se do devaneio sobre toda aquela história de cavalos duzentos do além, fez uma referência debochada e pôs-se a correr mais rápido que sua companheira de viagem que teve de trocar mais uma vez de montaria para acompanhá-la.

— Sim minha Guardiã da Luz, às suas ordens! - troçou Haru.

— Eu ainda não sou guardiã.

— Sim minha Detentora da Luminescência!

— Também não tenho esse título, leva mais de vinte anos...

— Sim minha *Khvateush*!

— Esse tá quase... hei! Como você conhece todos esses títulos magi?

— Sim minha Operadora...

— Ai que saco Haru...!

— Sim minha...